

## O Gabinete de Heráldica do Exército e a heráldica associativa

**Paulo Morais-Alexandre**

Académico Fundador e Presidente da Academia Lusitana de Heráldica

### Introdução

Cumpre agradecer ao tenente-coronel Pedroso da Silva que sempre nos apoiou e a quem tantas vezes recorreremos para esclarecer dúvidas, ao mestre José Colaço pelo auxílio, quer na digitalização das imagens, quer pelas informações preciosas que nos transmitiu e pela sua permanente disponibilidade.

O Gabinete de Heráldica do Exército foi fundado ainda na década de sessenta por influência de Franz-Paul de Almeida Langhans, sendo dirigido por José de Campos e Sousa. A responsabilidade de criar os modelos para a realização plástica das armas produzidas ficou a cargo de João Paulo de Abreu e Lima. A missão era simples: regular a heráldica do Exército e produzir para os organismos desta estrutura armas correctamente ordenadas. Assim, foram ordenadas por este e pelos armistas e heraldistas que lhe sucederam e iluminadas, sobretudo, pelo notável artista plástico José Colaço, um número muito significativo de armas de qualidade particularmente relevante e que, de alguma forma, marcava a diferença para a heráldica que era produzida por outros sectores, nomeadamente na esfera da heráldica de domínio, onde apesar de terem sido ordenadas numerosas armas, estas, de alguma forma, não cumpriam um dos desideratos básicos da heráldica que passa pela distinção e não confusão das composições e sendo a qualidade plástica, das ordenações aprovadas, medíocre ou mesmo má.

Não espanta, pois, que chefiando uma estrutura que se constituiu referência, os respon-

sáveis pelo Gabinete de Heráldica do Exército começassem a receber solicitações para ordenar armas para outros organismos, nomeadamente para outras instituições, como viria a suceder com a Guarda Nacional Republicana ou mesmo um outro ramo das Forças Armadas, a Força Aérea, e mesmo para a heráldica de domínio, em alguns casos com resultados muito relevantes, como a produção das armas da Região Autónoma da Madeira, da responsabilidade do director do Gabinete de Heráldica do Exército Miguel de Paiva Couceiro.

É neste âmbito que se podem compreender



Fig. 1



as solicitações ou, por vezes mesmo, o acto voluntário de se ordenar armas para associações.

Nas direcções de Campos e Sousa e Paiva Couceiro tal não sucedeu, sendo possível que a título particular, do qual não se obteve registo, tenham ordenado armas para associações de génese coeva do período em que dirigiam o Gabinete de Heráldica do Exército. Guerreiro Vicente ordenou armas para o seu curso da Academia Militar (fig. 1), bem como para a associação informal de liceu "Altubê" (fig. 2), a título particular e já depois de ter abandonado a chefia da supra-mencionada estrutura.

Fig. 2



Pedroso da Silva tentou sempre oficializar estas colaborações que passaram a ser conduzidas pelo Gabinete, produzindo informações/estudos onde constava não só a a descrição das armas e respectiva simbologia mas, também, a respectiva realização plástica.

Neste âmbito haverá a referir a criação de seis armas e um emblema com características heráldicas:

**Armas da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas**

Foi o Gabinete de Heráldica do Exército contactado pelo coronel de Administração Mi-

litar Magalhães Pequito para ordenar armas para a ordem dos Revisores Oficiais de Contas, tendo desde logo sido criada grande empatia entre este militar e o director do Gabinete, a que não seria certamente alheia a passagem de ambos, embora não sincronicamente, pelo Instituto dos Pupilos do Exército.

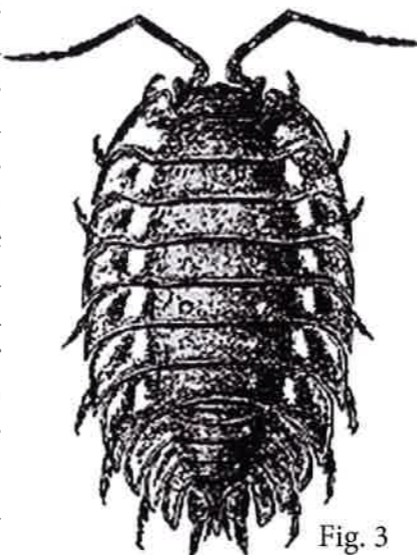


Fig. 3

Para a referida Ordem foram produzidos seis esboços apresentando várias possibilidades, uma das quais bem curiosa que incluía a representação de um *Oniscus asellus*, conhecido vulgarmente por bicho-de-conta (fig. 3), o que tornava as armas falantes. No estudo referia-se ainda, relativamente a este animal, que a «[...] sua capacidade de se distender ou de se enrolar alude ao número, instrumento fundamental de quantificação, que nas novas tecnologias tem base binária: o um ou o zero»<sup>1</sup>. Num debate alargado havido na sede da instituição sobre a simbologia a adoptar, a inclusão do bicho-de-conta foi rejeitada, tendo um membro da Ordem argumentado que este se poderia prestar a confusões indesejadas com um outro artrópode infestante de má conotação<sup>2</sup>.

As armas produzidas tiveram a seguinte leitura heráldica:

Escudo de prata, uma banda de azul acompanhada de duas coticas de vermelho; correia azul perfilada de prata; paquife e virol de prata e azul; timbre: uma balança de prata; divisa: num listel de prata, ondulado, soto-posto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir «INTEGRIDADE

<sup>1</sup> José Manuel Pedroso da Silva – “Estudo n.º 790 – Símbolos da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas” in *Processo* n.º 271.09. Lisboa : 2002, Janeiro, 28. Arquivo do Gabinete de Heráldica do Exército.  
<sup>2</sup> José Manuel Pedroso da Silva – *Sub Voce*. Montijo : 2012, Maio, 18.

Fig. 4



INDEPENDÊNCIA COMPETÊNCIA» (fig. 4).

Em termos simbólicos a banda e coticas procuram as afinidades visuais com «[...] o suporte tradicional da escrituração contabilística, o livro da razão, cujas folhas são pautadas de azul e marginadas de vermelho.» e a balança assume o seu significado habitual em Heráldica, de Justiça remetendo para a função do Revisor Oficial de Contas de juiz na sua área de competência<sup>3</sup>.

Registe-se que, infelizmente, a riqueza simbólica destas armas e até a perenidade que é característica da heráldica não foi compreendida pela organização armigerada que em 2008 aprovou nova simbologia que a substituiu. Efectivamente, neste ano, entendeu a direcção da associação «[...] actualizar e objectivar a imagem da OROC, assentando-a numa linguagem gráfica e tipográfica dotada de grande simplicidade e facilidade de leitura.»<sup>4</sup>. Para satisfazer este desiderato foi desenvolvida uma «[...] nova identidade vi-

<sup>3</sup> José Manuel Pedroso da Silva – “Estudo n.º 790 – Símbolos da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas” in *Processo* n.º 271.09. Lisboa : 2002, Janeiro, 28. Arquivo do Gabinete de Heráldica do Exército.  
<sup>4</sup> “Ordem dos ROC com nova identidade visual” in *Revisores & Auditores : Revista da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas*. Lisboa : 2008, Abril/Junho, n.º 43, p. 19.



Fig. 5

sual [...]» pela empresa *Shift Thinkers* que criou nova simbologia (fig. 5).

Esta, no artigo onde a mesma é publicada refere como «[...] o carácter sóbrio, sério e responsável da Ordem. O símbolo congrega os elementos que tradicionalmente simbolizam o saber, a competência, o equilíbrio, a integridade e a independência, reforçando o papel de interesse público e relevo nacional da OROC, bem como a postura de dinamismo e vitalidade que a caracteriza.»<sup>5</sup>, mas não estabelece qualquer relação objectiva com o símbolo criado. Aliás repete-se a divisa, mas curiosamente esta fica desligada do símbolo e aparece sotoposta à designação do organismo. A referência ao conteúdo do símbolo aparece publicada na obra de Joaquim Fernando da Cunha Guimarães, “Ordem dos Revisores Oficiais de Contas” que refere laconicamente que este: «[...] contém aquelas três palavras, bem como a balança e o livro, acrescentando o escudo indicativo de “Portugal”»<sup>6</sup>.

Estranha-se sobretudo o carácter de substituição que a nova simbologia teve, já que esta poderia ser adoptada com carácter complementar, à semelhança do que acontece em muitos municípios, ou em outras organizações<sup>7</sup>, que paralelamente à heráldica adop-



Fig. 6

<sup>5</sup> Ibidem, p. 19.  
<sup>6</sup> Joaquim Fernando da Cunha Guimarães – “Ordem dos Revisores Oficiais de Contas” in *Revista Electrónica INFOCONTAB*. S.l. : 2009, Junho, n.º 44, p. 17.  
<sup>7</sup> Veja-se a título de exemplo o Município de Lisboa ou o Instituto Politécnico desta mesma cidade que,



taram outra forma de simbologia comumente designada por logótipo.

Tal não aconteceu e a nova simbologia passou a ser usada inclusivamente na vexilologia da Ordem ao arpejo de todas as regras desta área e com uma estética que se considera muito duvidosa<sup>8</sup> (fig. 6).

### Armas de Clubes Militares

#### 1. Clube Militar dos Oficiais de Setúbal

As armas para o Clube Militar dos Oficiais de Setúbal foram ordenadas no início do ano de 1997 e relativamente à sua criação não foi encontrada qualquer correspondência oficial. Ficariam com a seguinte ordenação:

«Escudo de Prata, três cruzes de Sant'Iago; chefe de veiros em pala. [...] Paquife e virol de prata e de vermelho. Timbre: Um cavalo marinho de prata. Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo,



paralelamente à Heráldica, adoptaram logótipos, desempenhando cada um uma função própria e complementar.

<sup>8</sup> Vide "X Congresso da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas - Galeria de Imagens" in Página da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas. Endereço: <http://www.oroc.pt/gca/?id=1136>, acedido em 2012, Maio, 17.

em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir "DE QVEM VIRTVDE DEVE SER PREZADA"<sup>9</sup>(fig. 7).

Quanto à simbologia, estabelecia-se a analogia formal entre as cruces da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada e as espadas que se consideravam o atributo dos oficiais dos vários ramos das Forças Armadas. Relativamente ao chefe, consignava-se uma curiosa relação com o edifício sede do Clube, a Casa do Corpo da Guarda, cuja configuração da fachada voltada para a praça do Bocage tinha afinidades formais com a disposição dos veiros em pala. O timbre, um cavalo-marinho, foi retirado de uma moeda hispano-romana, datada do séc. II a. C., de Ketovion (fig. 8), que se crê ficar localizada entre Setúbal e Alcácer do Sal, assumindo-se como o símbolo mais antigo que se conhecia daquela cidade. A divisa, retirada d'*Os Lusíadas*, aludia ao que se entendia ser uma das missões do clube: a de preservar as virtudes da instituição militar<sup>10</sup>.

#### 2. Clube Militar dos Oficiais de Santarém

Posteriormente, em Setembro de 2000, foi pelo Gabinete feita uma proposta de armas para o Clube Militar dos Oficiais, sediado na cidade de Santarém, com uma composição extremamente simples, mas de grande visibilidade, com escudo de azul, três ramos de carvalho apontados em abismo e, por timbre, um castelo de prata, aberto e iluminado de vermelho, carregado na torre central pelas cinco quinas de Portugal. Por divisa, em listel ondulado de prata, sotoposto ao escudo, em caracteres maiúsculos de negro de estilo elzevir: "SER ESTA VIDA COUSA TÃO PEQUENA" (fig. 9). Em termos de leitura simbólica os três ramos eram uma alusão aos três ramos das Forças Armadas e o facto de serem de carvalho prendia-se com a ligação destes às virtudes da coragem e valentia. Já o castelo do timbre aludia à cidade sede deste clube<sup>11</sup> já que as armas da cidade

<sup>9</sup> José Manuel Pedroso da Silva - "Anexo" a "E-mail a Paulo Morais Alexandre". Lisboa: 2007, Outubro, 22. Arquivo de Paulo Morais Alexandre.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> José Manuel Pedroso da Silva - "Memória Descritiva n.º 772 - Armas do Clube Militar de Oficiais - Santarém" in *Processo* n.º 286.37. Lisboa: 2000,

Fig. 8



Fig. 9



de Santarém têm como móvel um castelo com as mesmas características do adoptado nas armas da associação (fig. 10).

Setembro, 20. Arquivo do Gabinete de Heráldica do Exército.

#### 3. Clube de Oficiais de Coimbra

Em 2007, através do estudo n.º 899, Pedroso da Silva ordenaria as armas do Clube de Oficiais de Coimbra<sup>12</sup> que teve a seguinte descrição «Escudo de púrpura, um escorpião de três elementos, tudo de ouro. / Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra. / Correia de vermelho, perfilada de ouro. / Paquife e virol de púrpura e de

<sup>12</sup> José Manuel Pedroso da Silva - "Estudo n.º 899 - Armas do Clube de Oficiais de Coimbra" in *Processo* n.º 286.39. Lisboa: 2007, Julho, 12. Arquivo do Gabinete de Heráldica do Exército.

Fig. 10

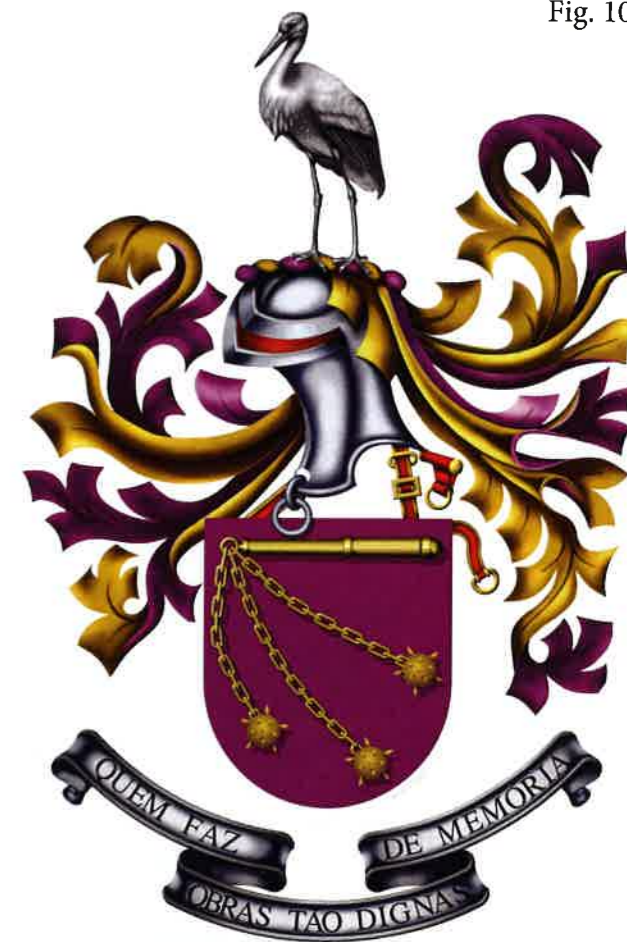


Fig. 11



Fig. 13



ouro. / Timbre: uma cegonha de prata. / Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir: «QUEM FAZ OBRAS TÃO DIGNAS DE MEMÓRIA» (fig. 11)

O ponto de partida da explicação simbólica parte das escolhas do esquema cromático usado na ordenação do escudo, a púrpura e o ouro, que remete para os esmaltes da bandeira da cidade de Coimbra (fig. 12). Registe-se que semelhante escolha cromática já havia sido usada Distrito de Recrutamento e Mobilização de Coimbra, ordenadas por Jorge Guerreiro Vicente, com escudo partido de ouro e de púrpura (fig. 13). Quanto ao móvel, o escorpião, com três elementos, remete para os três ramos das Forças Armadas, de onde são oriundos os sócios desta instituição. O timbre, a cegonha, por ser uma ave migratória que regressa sempre à terra que a viu nascer, tem afinidade com a carreira dos oficiais que fazem parte do clube, que passou por vários sítios, mas que se tornam a unir na cidade onde a agremiação tem sede. A divisa, retirada d'Os Lusíadas «QUEM FAZ OBRAS TÃO DIGNAS DE MEMÓRIA»<sup>13</sup>, remete para a visibilidade perene do brio

<sup>13</sup> Luís de Camões – *Os Lusíadas*. Lisboa : Antonio Gonçalvez, 1572, c. II – v. 113.

profissional dos oficiais de Coimbra.

#### 4. Clube Militar de Oficiais de Mafra

Em 22 de Agosto de 2007 foi emitido pelo Gabinete de Heráldica do Exército um estudo onde se propõe a ordenação de armas para o Clube Militar de Oficiais de Mafra. Estas têm a seguinte descrição heráldica:

«Escudo de nove pontos equipolados, cinco de azul carregados duma torre de ouro aberta e iluminada de vermelho e quatro de

Fig. 14



prata carregados duma cruz de Avis. / Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra. / Correia de vermelho, perfilada e avelada de ouro. / Paquife e virol de azul e de prata. / Timbre: uma águia de Bonelli de prata. / Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir: «E NÃO MENOS POR ARMAS QUE POR LETRAS».<sup>14</sup> (fig. 14)

<sup>14</sup> José Manuel Pedroso da Silva – “Estudo n.º 904 – Armas do Clube Militar de Oficiais de Mafra” in *Processo n.º 286.40*. Lisboa : 2007, Agosto, 22. Arquivo do Gabinete de Heráldica do Exército.

Fig. 15



Em termos de simbologia a proposta é particularmente curiosa estabelecendo relações visuais pouco habituais. Assim, o equipolado de nove pontos remete para a fenestração dos torreões do monumento mais emblemático da cidade, o convento joanino de Mafra



Fig. 16

(fig. 15). As torres, consideradas o «[...] local tradicional de reunião dos militares [...] representa o encontro dos oficiais no seu Clube Militar». A cruz da Ordem de Avis alude à doação do Castelo de Mafra, pelo rei Dom Sancho I ao mestre da Ordem de Évora, Dom Gonçalo Viegas, que mais tarde adoptaria a designação de Ordem de São Bento de Avis. Acresce que esta cruz integra ainda as armas do já referido município de Mafra. Quanto ao timbre, a águia de Bonelli<sup>15</sup> (fig. 16) é uma espécie ornitológica que marca presença na região, em termos de simbologia compara-se as características desta ave cuja «[...] actuação firme e precisa e lembra o desempenho dos associados deste Clube ao longo das suas carreiras militares.» A divisa «E NÃO MENOS POR ARMAS QUE POR LETRAS» é retirada d'Os Lusíadas<sup>16</sup>, correspondendo à afirmação da formação multifacetada dos membros do clube quer ao nível da preparação técnico-científica, quer em termos culturais.

#### Emblema da Associação de Pára-quedistas Tejo-Norte

Embora já na situação de reforma José Manuel Pedroso da Silva continuou a ordenar armas e a criar emblemas na esfera do associativismo, numa linha de continuidade do que havia feito enquanto responsável pelo Gabinete de Heráldica do Exército, pelo que, no âmbito deste trabalho, pode ser referida a criação do emblema da Associação de Pára-quedistas Tejo-Norte.

Trata-se de uma colectividade criada em Janeiro de 2009 com a finalidade de promover actividades na esfera desportiva e sócio-cultural, entre outras, preservando «[...] laços de amizade e companheirismo solidificados ao longo da sua vivência militar nas TROPAS PÁRA-QUEDISTAS [...]»<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Cf. “Águia de Bonelli” in John Gould- *The Birds of Europe*. London : E. A., 1837, vol. 1, pl. 7.

<sup>16</sup> Luís de Camões – *Os Lusíadas*. Lisboa : Antonio Gonçalvez, 1572, canto III – 13.

<sup>17</sup> Cf. António Carmo - “Emblema da Associação de Pára-quedistas Tejo-Norte” in *Operacional: Defesa, Forças Armadas e de Segurança*. Endereço: <http://www.operacional.pt/emblema-da-associacao-de-para-quedistas-tejo-norte/>, acedido em 2012, Maio, 17.





Fig. 17



Fig. 18

Para esta associação ordenou e ilustrou o referido heraldista o seguinte emblema:

«Círculo canelado de azul, uma estrela de oito raios de ouro encerrada numa caderna de crescentes sobre quatro burelas ondadas, tudo de prata.» (fig. 17)

A simplicidade obtida versa no entanto uma simbologia extremamente rica, a começar pela própria forma do emblema, o círculo canelado presente na heráldica dos organis-

mos de tropas paraquedistas que simboliza um paraquedas aberto, mas cuja origem em termos formais pode ser encontrada «[...] num selo de Afonso Sanches, filho do nosso rei “Lavrador”»<sup>18</sup>.

A cor azul do campo do emblema remete «[...] o espaço tridimensional que os pára-quedistas se habituaram a respeitar e a dominar.». A referência ao rio Tejo que se encontra na designação do organismo é dada pelas burelas ondadas de prata.

Por fim, refira-se que a sede social da organização está em Oeiras que está simbolizada pela estrela de ouro de oito raios, encerrada numa caderna de crescentes de prata, do escudo da família Carvalho, usado pelo primeiro conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais tarde marquês de Pombal (fig. 18).

#### Conclusão

Não se tratando de um conjunto de armas muito extenso é ainda assim significativo e relevante de grande qualidade em termos estéticos, não só ao nível da realização plástica, a cargo de José Estevéns Colaço, salvo o emblema referido, que é de grande qualidade, mas também na esfera do conceptual, já que se considera que as armas também têm leitura estética desligada da realização plástica, analisando-se exclusivamente a sua composição. No caso em apreço, ao fazer um juízo estético obrigatório ao historiador de Arte, pode afirmar-se que, quer a montante, quer a jusante, se fez Arte.

<sup>18</sup> Cit. José Manuel Pedroso da Silva – “A heráldica do Exército na actualidade” in *Tabardo*. Lisboa : Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos/Universidade Lusíada, 2002, n.º 1, pág. 75.

**Se te interessa a Heráldica junta-te a nós!**  
**A Academia Lusitana de Heráldica necessita de todos quantos se interessam pela ciência do brasão.**  
**Ajuda-nos a divulgar esta ciência, lutando pela maior divulgação deste ramo do património histórico-cultural.**

Contacta-nos:  
[academialusitanadeheraldica@hotmail.com](mailto:academialusitanadeheraldica@hotmail.com)